

**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALYNE RAYANE PEREIRA DE AZEVEDO

**LUTAS COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

**NATAL/RN
2012**

ALYNE RAYANE EREIRA DE AZEVEDO

**LUTAS COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário do
Rio Grande do Norte como requisito final
para obtenção do título de Licenciatura
em Educação Física.

Orientador: Prof.^a (Msc.) Glycia Melo de
Oliveira Silva

Co-orientador: Prof.^a Ingrid Patrícia
Barbosa de Oliveira

NATAL/RN
2012

ALYNE RAYANE PEREIRA DE AZEVEDO

**LUTAS COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Educação Física
do Centro Universitário do RN - UNI-RN
como requisito final para obtenção do
título de Licenciatura em Educação Física.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. (Msc.) Glycia Melo de Oliveira Silva
Orientador

Prof. Nome Completo
Membro

Prof. Nome Completo
Membro

Dedico este trabalho de conclusão de curso á Deus pela dádiva divina e por ter me proporcionado mais essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do centro universitário UNI-RN em especial a professora Ingrid Patrícia Barbosa de Oliveira e Glycia Melo de Oliveira Silva, pela dedicação em suas orientações prestadas, incentivando-me e colaborando no desenvolvimento de meu trabalho e a todos meus colegas de classe, sem exceção de nenhum, que durante esse período de três anos colaboraram com a transmissão de respeito, conhecimento e assim permitindo condições para lidar com as diferenças. Agradeço a todos os educandos e professores que me ensinaram diante das vivências dos estágios.

Agradeço em especial à minha Mãe, e meu amigo Thiago Valentim Marques e sua família, no qual me ajudaram bastante me possibilitando a realização do meu sonho de fazer um curso superior, aos meus familiares tios, tias, avó (a), primos e primas.

Com essas breves palavras deixo meu obrigado á todos que contribuíram com a realização de um dos meus sonhos e assim me permitindo ir adiante nesta longa jornada.

“Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar.”

(FREIRE,1989, p.13)

RESUMO

Pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico denunciam a pouca expressividade das lutas como conteúdo das aulas de Educação Física. Tal constatação me provocou inquietações, gerando questionamentos quanto a prática pedagógica da Educação Física escolar. Diante disso, este estudo teve por objetivo descrever uma experiência pedagógica, sendo as lutas o conteúdo focalizado e a concepção crítica de ensino a norteadora didático-pedagógica. A pesquisa é de cunho qualitativo, do tipo descritivo, caracterizando-se como pesquisa-ação. O grupo investigado constituiu-se de 22 alunos de uma turma do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Natal/RN. O procedimento para sistematizar as informações levantadas na pesquisa e intervir junto ao grupo pesquisado subdividiu-se em três fases: definição de um problema; pesquisa preliminar; implementação do plano de ação. O estudo possibilitou a realização de um trabalho aberto, centrado no aluno, o qual foi oportunizado a escolher, conhecer, vivenciar, criar, apreciar o universo das lutas. A intervenção pedagógica suscitou a ruptura de paradigmas e supostas restrições, gerando novos sentidos e significados para o vivenciar as lutas no cenário escolar.

Palavras - chave: Educação Física Escolar. Concepção crítica. Lutas.

ABSTRACT

Studies conducted in the academic denounce the lack of expressiveness struggles as content of PE lessons. This finding caused me concerns, generating questions about the practice of teaching physical education. Therefore, this study aimed to describe a learning experience, and the struggles focused content and design critical to guiding teaching didactic-pedagogic. The research is a qualitative, descriptive, characterized as action research. The studied group consisted of 22 students in a class of 2nd year of high school at a public school in the city of Natal / RN. The procedure to systematize the information gathered in the survey and intervene with the research group was divided into three phases: defining a problem; preliminary research, implementation of the action plan. The study enabled the realization of an open job, student-centered, which was oportunizado choose, know, experience, create, appreciate the struggles of the universe. The educational intervention raised the alleged break paradigms and constraints, generating new meanings to experience the struggles in school setting.

Keywords: Physical. Education. Critical. conception. Fights.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01 Cronograma das atividades	23
Quadro 02 Criação dos combates	30
Quadro 03 Atividades desenvolvidas nas aulas	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 O PROBLEMA	12
1.2 OBJETIVOS	14
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos	14
2 REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA E A CONCEPÇÃO CRÍTICA DE ENSINO	15
2.2 As lutas como conteúdo da educação física	18
3 METODOLOGIA	22
3.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA	22
3.2 Procedimentos e técnicas para coleta de dados	23
3.2.1 Análise e discussão dos dados	25
4 CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA	26
4.1 AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE ESAFIOS E POSSIBILIDADES	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	39

1 INTRODUÇÃO

Pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico denunciam a pouca expressividade do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física. Muitos professores negam a seus alunos a oportunidade de vivenciar por não se sentirem capacitados a tratar desse conhecimento. Entendemos que de fato é mais fácil tratar de um conhecimento quando já foi vivenciado no corpo. Porém, acreditamos também que podemos sim abordar o tema das lutas mesmo não tendo vivido suas técnicas e gestualidades específicas. Nascimento e Almeida (2007), por exemplo, declaram o tema “lutas” como indicado para ser tratado pedagogicamente pela disciplina curricular de Educação Física na escola. No entanto, os autores também ressaltam as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores para a sistematização desse tema nas aulas de Educação Física. Estes desafios anunciam a necessidade de uma reflexão sobre o tema e efetivas intervenções no contexto escolar.

Concordamos com os referidos autores quando explicitam que nas experiências singulares amadurecemos melhor nossa prática pedagógica, fato que decorre da oportunidade de relativizar “empecilhos” postos para o trato de determinado conteúdo na escola. Além disso, corroboramos com os mesmos autores a convicção da importância de o professor ter claro para si sob qual perspectiva teórica tratará os conteúdos para, então, lançar mão de metodologias de trabalho sintonizadas com a teoria.

O ensino pode ser contemplado de forma criativa, problematizando situações da própria vida do aluno, contribuindo para que tornem-se indivíduos mais críticos e autônomos. Assim, a escola estará cumprindo o seu papel educacional (COLETIVO DE AUTORES, 1992; KUNZ, 2001). Nesse sentido, acreditamos que o desenvolvimento de pesquisas que tematizem as lutas em uma perspectiva crítica de ensino é de fundamental importância para a inscrição de novas referências teórico-metodológicas para a Educação Física.

Diante dessa compreensão e reflexão, este estudo descreve uma experiência pedagógica com o desafio de tratar as lutas como conteúdo das aulas de Educação Física, tendo os PCNs e os Referenciais Curriculares da Educação Física como norteadores didático-pedagógico da intervenção. Isto porque, estes referenciais teóricos consideram as subjetividades, as singularidades, os conhecimentos e as

experiências dos alunos em todo processo de ensino-aprendizagem, conferindo sentido para a vida deles.

1.1 PROBLEMA

A motivação para desenvolver este estudo sobre o conteúdo de lutas na Educação Física surgiu a partir da vivência com a disciplina metodologia das lutas durante o curso de Educação Física/Licenciatura, no Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNI-RN. Foi nessa interação que questionei sobre a minha capacidade de ministrar aulas contextualizando o universo das lutas, haja vista que nunca tinha vivido experiências dessa natureza. Como posso desenvolver aulas de Lutas sem ter vivido as lutas em meu corpo?

Percebi nas escolas em que realizei os estágios I e II que as lutas não eram trabalhadas na Educação Física e que os alunos só tinham acesso a essa manifestação junto aos professores do projeto chamado Segundo Tempo. Estes eram especializados na modalidade, muitas vezes ex-atletas. Essa condição de certa forma me fazia imaginar que eu não seria capaz de oferecer aos meus alunos a oportunidade de lutar, de conhecer e vivenciar este universo. Além disso, sentia que havia certo preconceito dos professores das escolas e coordenadores que julgavam que o fazer/conhecer as lutas poderiam suscitar a violência na escola. Neste momento me questionei se de fato deveria me omitir a oferecer este universo tão presente na realidade de vida dos alunos. Ao invés disso acredito que deveria ampliar o conhecimento, oportunizando aos alunos vivenciarem um contexto que está inserido no mundo deles.

A princípio, esta inquietação se consolidou através de minha incompreensão sobre o tratamento deste conteúdo na escola. Não entendia, por exemplo, que os esportes tratados na escola não deveriam reproduzir o esporte de rendimento. Durante a minha formação (graduação) na disciplina de Ensino de Educação Física na educação Infantil e Ensino Fundamental e Médio me deparei com discursos que abriram perspectivas para que pudesse tratar tais conteúdos sem que necessariamente tivesse que ser ex-atleta. Isso muito me confortou, porém vieram outras inquietações. Mas como tratar esse tema com vista a abordar a concepção crítica de ensino? Nesse momento entendi a necessidade de compreender mais as

abordagens pedagógicas da Educação Física, visto que durante minha formação tive pouca possibilidade de experimentar e refletir sobre tais abordagens pedagógicas. Nesta necessidade de esclarecer mais sobre “o como atuar” na educação física escolar com as abordagens fomentadas pelos PCNs (1998), coletivos de autores (1992) e Kunz (2004), me decidi fazer este trabalho de pesquisa. Aflorou meu desejo de ampliar meu entendimento sobre como intervir pedagogicamente na educação física escolar, a qual ainda traz arraigada dilemas oriundos do processo histórico da área.

Diante disso, buscamos realizar uma intervenção pedagógica na escola no sentido de desmistificar elementos que pudessem ampliar a minha atitude pedagógica dentro desse universo, resinificando e amenizando os preconceitos existentes. Nessa oportunidade me engajei com a professora da escola, a qual havia trabalhado, no bimestre que antecedeu nosso estudo, o tema da corporeidade (conhecimento sobre o corpo), tendo como objetivo: Compreender os sentidos do corpo e do movimento além da visão biológica, recorrendo às compreensões de ordem cultural, histórica, estética, entre outros. A referida professora relatou que sentiu a necessidade de abordar esse conteúdo para desmistificar “o jogar bola” que os alunos estavam habituados. Então partilhei com ela o desafio de desbravar o conhecimento no tratamento de um novo tema, agora o de lutas.

A fundamentação teórica estrutura-se em dois capítulos. O primeiro busca contextualizar a Educação Física, reportando-se ao processo histórico da área para então, compreendermos o surgimento da concepção crítica de ensino. O segundo, caracteriza as lutas como vivência corporal na escola, apontando perspectivas pedagógicas para o ensino das lutas como conteúdo das aulas de Educação Física. A análise e discussão dos dados referem-se ao relato da experiência desenvolvida, buscando apontar subsídios para a sistematização e democratização do conhecimento das lutas no cenário escolar, em especial, nas aulas de Educação Física.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Considerando a cultura corporal de movimento como referência conceitual para o critério organizador do conhecimento da Educação Física, objetivamos, nesta pesquisa, descrever uma experiência pedagógica que tenha a luta como conteúdo das aulas de educação física e a concepção crítica de ensino como norteadora didático-pedagógica.

1.2.2 Objetivo Específico

- Discutir como intervir no ensino médio contextualizando o conteúdo de lutas na perspectiva crítica da educação;
- Refletir sobre o tema no sentido de apontar subsídios teórico-prático que signifiquem e resignifiquem tratos com os conteúdos de lutas na Educação Física escolar.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA E A CONCEPÇÃO CRÍTICA DE ENSINO

A Educação Física enquanto componente curricular na escola integra as manifestações da cultura corporal a partir de conteúdos específicos como jogo, esporte, ginástica, lutas, conhecimentos sobre o corpo e atividades rítmicas expressivas (PCNs, 2000).

Segundo o Coletivo de autores (1992) “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade” (p.62). Dessa forma, compreende-se que os conteúdos propostos nas aulas de Educação Física possuem uma relação direta com os problemas sócio-políticos atuais como: papéis sexuais, preconceitos sociais, raciais, da deficiência, da velhice, assim como saúde pública.

Nesse sentido, a Educação Física enquanto componente curricular inserido na escola deve oferecer o esporte para além das regras e dos gestos codificados, ou seja, o esporte sob uma perspectiva crítica, com gestos atribuídos de significados e uma reformulação dos sentidos conferidos à prática esportiva (DARIDO, 2007). Acreditamos que essa perspectiva também se consolida para as lutas, as danças entre outros conteúdos.

De fato, a Educação Física enquanto conhecimento sistematizado na Escola pode contribuir significativamente, através de uma competente orientação por parte do professor, para a formação do homem e a compreensão de sua cultura e com isso, de sua vida em sociedade. Ensinar o homem a jogar/lutar e a refletir sobre esse jogo/luta é contribuir com o ensino da sua cultura. Nesse fazer e refazer, entre a ação e a experiência, o aluno aprende, funde um estilo próprio, encontrando ali sentido, construindo um significado particular e ampliando sua relação com o mundo.

Acreditamos que o conteúdo de lutas deve estar presente na escola, uma vez que, enquanto fenômeno da cultura de movimento de nossa sociedade necessita de “uma atenção especial para que possamos oferecer aos alunos condições de

entendê-lo e refletir sobre suas variadas possibilidades” (BARROSO e DARIDO, 2006, p.103).

A educação física na década de 50 era influenciada pela área médica e militar, sendo as aulas meras repetições mecânicas de gestos e movimentos. Na década de 60 veio a introdução do método desportivo, começou a surgir uma confusão entre a educação física e o esporte, onde os processos de ensino e aprendizagem nem sempre acompanharam as mudanças do pensamento pedagógico. Ao longo dos tempos, principalmente na década de 80, o modelo esportivista passou a ser muito criticado, surgindo a necessidade da intervenção dos meios acadêmicos e valorização dos conhecimentos produzidos pela ciência. Então, diante da necessidade de superar os procedimentos extremamente diretivos e a prática mecânica e repetitiva do movimento esportivo, bem como das frequentes discussões sobre a dispensa da educação física como componente curricular surgem os primeiros elementos para se pensar novas abordagens pedagógicas da educação física.

...Em consequência do entendimento de que a educação física escolar teve, ao longo de sua trajetória, um caráter utilitarista, fruto das influências externas que a conformaram como instrumento de dominação e controle social, a produção dos anos de 1980 passa a apontar que a área, por não se libertar das amarras de tais influências, vive uma situação anacrônica, que a coloca fora de sintonia com os intentos de uma educação crítica, libertadora, emancipadora. (CAPARROZ, 1997, p. 141).

Atualmente existem na área da Educação Física diversas concepções de ensino. Os parâmetros curriculares Nacionais nos apresentam quatro grandes tendências pedagógicas sobre o papel da Educação Física na escola. Sendo elas: Psicomotora¹, Construtivista², Crítica³ e Desenvolvimentista⁴. Essas concepções têm

¹ Nessa tendência, a educação física está envolvida com o desenvolvimento da criança, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores, buscando garantir a formação integral do aluno.

² A intenção dessa tendência é a construção do conhecimento a partir das interações do indivíduo com o mundo.

³ Passou a questionar as atitudes alienantes da educação física na escola, sugerindo que os conteúdos selecionados para a aula devem propiciar uma melhor leitura da realidade de vida dos alunos e possibilitando, assim, sua inserção transformadora nessa realidade. Sendo dividida em crítico-emancipatória e crítico-superadora.

⁴ Grande parte do modelo dessa abordagem relaciona-se com o conceito de habilidade motora. Para essa abordagem, a educação física deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido pela interação entre o aumento da variação e a complexidade dos movimentos.

em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional e não de excluir a dimensão biológica, ou seja, considerar que é impossível pensar no biológico desvinculado da cultura, assim como a cultura desvinculada do biológico. Podemos citar algumas pesquisas e observar as produções dessas concepções em trabalhos como: Educação Física escolar: uma abordagem desenvolvimentista (TANI et al., 1988); Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física (FREIRE, 1989 a); Educação física humanista (OLIVEIRA, 1988 a); Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica (MOREIRA, 1991); diretrizes gerais para o ensino do 2º grau: Núcleo comum a educação física (CATELLANI FILHO, 1988 a); Educação física e sociedade (BETTI, 1991); Metodologia do ensino de educação física (COLETIVOS DE AUTORES, 1992). Obras estas que me deram base e subsídio para o planejamento da intervenção ora apresentada.

Nesse sentido, compreendemos as lutas como conteúdo representativo nas aulas de Educação Física, uma vez que, através de abordagens críticas nos revela significativas possibilidades a serem trabalhadas com o intuito de integrar o aluno criticamente ao contexto em que vive.

Possibilitar a compreensão por parte do aluno para melhor oportunizar a vivência, sendo eles sujeitos e não objetos do ensino-aprendizagem torna-se essencial para o desbravar da formação dos alunos. Nesse sentido, compreendemos que os alunos são capazes de raciocinar e produzir conhecimento, assim como, desvelar criticidade naquilo que lhes é proposto, instituindo um olhar crítico diante de seus direitos e deveres perante a sociedade em que vive.

Nesse sentido, a elaboração das aulas de intervenção deste estudo se constituiu a partir das concepções críticas. Nessa direção, corroboramos com os PCNs ao sugerir que os conteúdos selecionados para a aula, no caso desse estudo as lutas, devem propiciar uma melhor leitura da realidade pelos alunos e possibilitar, assim, sua inserção transformadora nessa realidade.

2.2 AS LUTAS COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A educação física enquanto prática social é única, sabendo que pode ser desenvolvida em clubes, academias, na escola, no exército ou em qualquer outro lugar. No entanto, ressaltamos que existe uma Educação Física que acontece na escola e não uma educação física da escola. Segundo Caparroz (1997, p.15) existe uma ambiguidade sobre a área da Educação Física, quer como, (manifestação única da educação física, quer como uma das expressões da educação física), tendo assim, duas posições teóricas ante a educação física escolar: uma na qual prioriza o qualitativo escolar referente tão somente à disciplina que se dá na instituição e outra que considera a educação física como abrangendo diversas práticas sociais (escolares, desportivas, terapêuticas, de lazer etc... p,75) . A primeira entende-se unicamente como componente curricular e a segunda abrange diversas práticas sociais.

Entendemos que a escola não se presta somente a transmissão de conhecimento; indo muito mais além, com a tarefa de desenvolver atitudes, valores, hábitos, habilidades. E que o professor tem o poder de organizar, sistematizar o saber escolar possuindo um poder de intervenção da cultura da sociedade. (SAVIANI, 1994, p, 78).

Sendo assim, de acordo com Daólio (1995), a Cultura Corporal de Movimento pode ser considerada como uma parcela da cultura geral, que trata de conhecimentos materiais e imateriais relacionados ao movimento humano, produzidos e acumulados historicamente. Além disso, e sem negar este entendimento, acredita-se que a Cultura Corporal abarca cinco eixos de conhecimento: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta. Para Nascimento (1998) a Educação Física tem como objetivo estudar e proporcionar ao educando experiências na Cultura Corporal de Movimento, para que os indivíduos se desenvolvam integralmente.

Para Darido e Andrade (2005), a Cultura Corporal de Movimento surgiu de uma preocupação com o que se deveria ensinar nas aulas de Educação Física, representando algo que fundamentaria a intervenção pedagógica do professor. Segundo os autores, essa concepção é a que mais se encaixa com o perfil escolar,

pois a escolha dos conteúdos é contextualizada com as manifestações expressivas corporais nas aulas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais também entendem a Educação Física Escolar como disciplina que irá tratar da Cultura Corporal de Movimento em suas aulas, pois como componente curricular terá o objetivo de integrar os alunos a essa cultura, formando cidadãos críticos. (BRASIL, 1998).

De acordo com os PCNs, eleger a cidadania como eixo norteador significa entender que a Educação Física na escola é responsável pela formação de alunos que sejam capazes de: participar de atividades corporais, adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade; conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal; reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis e relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de melhoria da saúde coletiva; conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e desempenho que existe nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia; reivindicar, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer (BRASIL, 1998).

Em nosso entender as lutas devem contribuir para a formação educativa do aluno. Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, as lutas são consideradas como “[...] disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa” (BRASIL, 1997, p. 49).

Ferreira (2009) ressalta o poder de fascinação que as lutas provocam nos alunos. Para o autor, o tema é bastante atual, sendo facilmente identificado em desenhos animados, em filmes ou em academias. As crianças brincam de luta nos intervalos das aulas, colecionam figurinhas dos heróis que lutam em seus desenhos animados e os adolescentes compram revistas que se referem ao tema, livros de técnicas de luta e matriculam-se em academias para realizar a prática da luta. Isso reafirma a importância em tematizar as lutas nas aulas de educação física, conduzindo o aluno a refletir sobre assuntos vivenciados em seu cotidiano, contribuindo na formação de sujeitos mais críticos e autônomos.

O mesmo autor explica que na disciplina de Educação Física, desde a educação infantil até o ensino médio, pode-se comprovar que as lutas lúdicas são sucesso em todos os níveis e que para os pequenos, as lutas dos animais (luta do sapo, luta do jacaré, etc.) ou a luta do saci, ajudam na liberação da agressividade das crianças, além de serem trabalhados todos os fatores psicomotores nestas atividades. Assim, as lutas podem proporcionar benefícios a crianças e adolescentes no que se refere ao desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social.

Rego, Freitas e Maia (2011) apontam vários objetivos com a prática das lutas nas escolas, destacando dois aspectos: aspectos histórico-sociais e a construção dos gestos nas lutas. Os aspectos históricos-sociais dizem respeito à compreensão do ato de lutar; por que lutar; com quem lutar; contra quem ou contra o que lutar; compreensão e vivência de lutas dentro do contexto escolar (lutas x violência); vivência de momentos para a apreciação e reflexão sobre as lutas e a mídia. A construção dos gestos nas lutas revela a importância de proporcionar vivência de situações que envolvam perceber, relacionar e desenvolver as capacidades físicas e habilidades motoras presentes nas lutas praticadas na atualidade (capoeira, Karatê, judô etc.); vivenciar situações em que seja necessário compreender e utilizar as técnicas para resoluções de problemas em situações de luta (técnica e tática individual aplicadas aos fundamentos de ataque e defesa); vivência de atividades que envolvam as lutas, dentro do contexto escolar, de forma recreativa e competitiva.

Para os autores estes objetivos podem ser desenvolvidos a partir das três dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal. Nessa perspectiva pode ser estudada a origem das lutas; os diferentes tipos de lutas e suas conseqüentes divergências e convergências; o seu contexto histórico cultural e sua filosofia, as transformações necessárias das lutas ao contexto esportivo de rendimento e também ao contexto escolar, reconhecer e discutir a influência da mídia sobre o imaginário social. Além disso, podem ser praticadas diversos tipos de equilíbrios e desequilíbrios, diversificados golpes, queda segura e rolamento; bem como conhecimentos ligados à valores, valorizando atitudes de não-violência, respeitando os companheiros, resolução dos problemas através do diálogo, a busca da justiça e da solidariedade, ressignificando o papel das lutas no contexto educacional.

Dessa maneira, apostando na presença das lutas na escola inserida na Cultura Corporal de Movimento dos alunos, sob uma perspectiva crítica e criativa na construção coletiva das aulas e na autenticidade nas mais variadas formas de se movimentar, abordaremos o ensino das lutas na escola compreendendo-as não como atividade de reprodução gestual, rendimento e performance, mas como compromisso educacional.

3 METODOLOGIA

3.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, do tipo descritiva, caracterizando-se como pesquisa-ação. Esse tipo de pesquisa procura unir-se a ação ou prática sendo bastante usada no meio escolar e tem o poder de intervir no próprio processo da pesquisa, levando assim, a um resultado específico imediato no processo de ensino e aprendizagem. Além da área educacional, a pesquisa-ação pode ser aplicada em qualquer ambiente de interação social que se caracterize por um problema, no qual estão envolvidos pessoas, tarefas e procedimentos. Neste contexto, a pesquisa-ação é o instrumento ideal para uma pesquisa relacionada à prática. (GIL, A.C., 2008).

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2005, p.16).

Assim sendo, tanto o pesquisador quanto o grupo pesquisado interagem de modo participativo, desenvolvendo as idéias propostas no plano de pesquisa. Para a pesquisa-ação, é preciso que ao final do processo haja algum tipo de transformação do grupo envolvido, gerando assim a solução para o problema em questão, conforme os objetivos específicos da pesquisa.

Kincheloe (1997) afirma que a pesquisa-ação, que é crítica, rejeita as noções positivistas de racionalidade, de objetividade e de verdade e deve pressupor a exposição entre valores pessoais e práticos. Isso se deve em parte porque a pesquisa-ação crítica não pretende apenas compreender ou descrever o mundo da prática, mas transformá-lo.

O grupo investigado constituiu-se de 22 alunos de uma turma do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Professor Luis Soares, localizada no bairro do Alecrim em Natal/RN. As intervenções da pesquisa se estabeleceram nos ambientes da sala de vídeo e sala de lutas da escola.

3.2 Procedimento e técnicas para coleta de dados

O procedimento para sistematizar as informações levantadas na pesquisa e intervir junto ao grupo pesquisado subdividiu-se em três fases: definição de um problema; pesquisa preliminar; implementação do plano de ação (ENGEL, 2000).

A fase de “definição de um problema” se consolidou a partir das reflexões e questionamentos durante os estágios I e II, bem como no período de observação do estágio III (realizado no ensino médio). Esse momento compreendeu o reconhecimento da lacuna existente quanto às lutas como conteúdo das aulas de educação física e a real necessidade em desvelá-lo como possibilidade pedagógica.

Diante do problema diagnosticado, passamos para a fase da “pesquisa preliminar”, a qual subdividiu-se em três etapas: revisão bibliográfica, observação em sala de aula e levantamento das necessidades.

A revisão bibliográfica consistiu em um levantamento de pesquisas relacionadas ao tema proposto, buscando nos apropriar das problemáticas referentes às lutas abordadas em outros estudos. Pesquisamos sobre esse universo em artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso e livros. As contribuições vieram de autores como Daolio (2004) e Darido (2008; 2001) que ao se consolidar como estudioso da cultura e pesquisadora da Educação Física Escolar, respectivamente, consideram a Educação Física como disciplina curricular do ensino básico e a escola como espaço e tempo de desenvolver a cultura; entendem como tarefa precípua da área garantir ao aluno a apreensão de conteúdos culturais, no caso, relacionados à dimensão corporal: jogo, ginástica, esporte, dança, luta. Paralelo a esse levantamento e apropriação do referencial teórico, demos início ao planejamento das aulas para intervenção, buscando contemplar as três dimensões do conteúdo - conceitual, procedimental e atitudinal (DARIDO, 2008; PCNs, 1998; 2000). Ressaltamos que o planejamento foi elaborado juntamente com a professora de educação física da turma pesquisada. O quadro a seguir apresenta, de forma geral, as atividades planejadas para as aulas. No entanto, houve algumas modificações devido as mudanças de calendário da escola.

Cronograma das Atividades

Data	Atividades Planejadas
19/10	Teórico-prática sobre Universo das Lutas
25/10	Apresentação e vivência das criações dos combates
26/10	Apreciação de Vídeos – Debate
01/11	Teórico-Prática sobre o universo da capoeira
08/11	Semana da Jornada Cultural do Luso- Feira de Ciência
13/11	Festival Cultural do Movimento
15/11	Feriado - Proclamação da República
22/11	Teórico-prática sobre o universo do tae-kwon-do
29/11	Seminário
06/12	Seminário
13/12	Atividade Avaliativa
20/12	Encerramento da disciplina com Lanche e Amigo Secreto

Quadro 01: Cronograma das atividades.

A observação em sala e o levantamento das necessidades se fundiram no intuito de verificar e entender o olhar dos alunos diante da problemática. Para isso, utilizamos a técnica da observação participante, a qual consiste na integração do pesquisador ao grupo estudado, o qual assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. A observação participante propicia agilidade no acesso dos dados sobre situações cotidianas em que os sujeitos do grupo estão inseridos e possibilita obter dados relevantes que o grupo considere de domínio privado, captando palavras e atitudes que acompanham o grupo investigado (GIL, 2008). Ou seja, assumimos o papel de pesquisadores ao buscar compreender questões relacionadas a problemática e, ao mesmo tempo, participantes ao estimular informalmente a expressão de falas e opiniões dos alunos.

Através de uma roda de conversa, buscamos identificar as práticas corporais desfrutadas pelos alunos nas suas horas de lazer, e se a prática das lutas estava presente de alguma forma nesse tempo de lazer, bem como identificar o conhecimento prévio acerca do assunto. A partir dessa discussão e reflexão pudemos, juntamente com os alunos, comprovar a relevância em melhor compreender e vivenciar as lutas nas aulas de educação física; para então, darmos início a fase de “implementação do plano de ação”, na qual valorizamos a concepção crítica de ensino.

3.2.1 análise e discussão dos dados

Os dados levantados nesse estudo compreenderam as ações vivenciadas durante todo o processo de intervenção. De acordo com Ingel (2000), a pesquisa-ação é auto avaliativa, uma vez que as modificações introduzidas na prática são constantemente avaliadas no decorrer do processo de intervenção e o feedback obtido do monitoramento da prática é traduzido em modificações, mudanças de direção e redefinições conforme necessário, trazendo benefícios para o próprio processo.

Nesse sentido, as análises e discussões contidas nesse estudo surgem dos sentidos e significados revelados por ações e falas dos alunos durante o processo de intervenção e se constituem concomitantemente ao relato da experiência. Além disso, avaliamos a participação e interesse dos alunos nas aulas propostas, para então, analisarmos se os objetivos foram alcançados; se o plano de intervenção surtiu efeito e em que medida houve ou não avanços.

É válido ressaltar que os resultados desse estudo não podem ser generalizados, uma vez que a análise dos dados se restringe a realidade do grupo pesquisado. Sendo assim, os resultados da pesquisa-ação são válidos no ambiente restrito em que foi realizada a pesquisa, demonstrando uma relevância local.

4. CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA

A experiência pedagógica ora relatada foi desenvolvida na escola Estadual Professora Luis Soares, localizada na av. cel estevam - no Bairro Alecrim em Natal/RN.

O ensino de educação física nessa escola se caracteriza em aulas práticas e teóricas; avaliação contínua, práticas e escritas; os planejamentos são feitos por bimestres. Destacamos que a professora da turma pesquisada atua há pouco tempo nessa instituição de ensino e tem feito um trabalho de sensibilização junto aos alunos no sentido de encantá-los para o universo das manifestações da cultura corporal de movimento. Tem utilizado várias estratégias para superar a cultura do jogar bola e jogar queimada ao quais os alunos estavam acostumados. Dessa forma, ela busca superar a abordagem recreacionista (DARIDO, 2008), a qual preconiza um modelo de aula no qual os alunos é que tomam as decisões da aula por si sós, “escolhendo o jogo e a forma como querem praticá-lo, e o papel do professor se restringe a oferecer uma bola e marcar o tempo. Praticamente, o professor não intervém” (p.4). Para contrapor esse modelo de ensino, a professora dessa escola tem buscado oferecer um ensino significativo atuando metodologicamente com as três dimensões do conteúdo: conceitual, procedimental e atitudinal.

De acordo com Coll et al. (2000) conteúdo define-se como uma seleção de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta, etc. Assim, os conteúdos de ensino referem-se ao conhecimento de habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de ação social, organizados pedagógica e didaticamente, os quais visam a assimilação ativa e ampliação de tal conhecimento para a vida dos alunos (ZABALA, 1998; LIBÂNEO, 1994). Nesse sentido, torna-se incoerente compreender a Educação Física e os conteúdos por ela veiculados apenas no plano procedimental, ou seja, apenas voltada para aquilo que os alunos devem saber fazer; para os procedimentos, o vivenciar e executar. Corroborando com essa ideia dialogamos com Darido e Coll (2001), ao destacarem que as aulas de educação física devem contemplar além do plano procedimental, mas também as dimensões atitudinal e conceitual. Segundo esses autores, a dimensão conceitual

está relacionada “ao que se deve saber?” e a dimensão atitudinal ao “como se deve ser?”, estando associada aos valores nas e para as práticas.

Dessa forma, Darido e (2001) e Coll, as aulas de educação não devem ser compostas somente do plano procedimental e sim do conjunto, contemplando as três dimensões do conteúdo (conceitual) o que se deve saber, (procedimental) o que se deve saber fazer e (atitudinal) valores nas e para práticas, com a finalidade de alcançar os objetivos educacionais. Aonde Libâneo (1994) ao mesmo tempo de Coll et al (2000) e Zabala (1998) “entendem-se que o conteúdo de ensino são o conhecimento de habilidades hábitos modos valorativos e atitudinais de ação social organizados pedagógicos e didaticamente tendo em vista a assimilação ativa e ampliação pelos alunos na sua prática de vida”.

De acordo com um diagnóstico realizado sobre a vivência corporal dos educandos nas suas horas livres (de lazer), percebemos que muitos deles praticavam as lutas em academias na redondeza e também na escola, de forma não-sistematizada ou através de projetos sociais, sendo o tae-kwon-do e o Karatê as lutas destacadas. Percebemos também a forte influência do futebol e aí perguntamos o que eles achavam sobre o conteúdo de lutas, juntamente com os alunos, democraticamente, fizemos uma votação e decidimos que as Lutas seria o conteúdo trabalhado nas aulas de Educação Física.

Fizemos também uma pesquisa sobre as artes maciais e lutas, trazendo os temas transversais como a mídia, abordamos sobre os princípios das lutas e contextualizamos as lutas, dividimos as nossas aulas em teóricas e práticas, selecionamos atividades para trabalharmos os aspectos das lutas: Equilibrar-desequilibrar, imobilização e agilidade, tivemos também a apresentação dos seminários, vivência com o tae-kwon-do, e a elaboração do portfólio.

4.1 AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Os desafios e possibilidades revelados nesse relato de experiência desvelam a busca pela reflexão pedagógica em torno das lutas como conteúdo das aulas de Educação Física. A intervenção pedagógica no âmbito escolar suscitou a ruptura de

paradigmas e supostas restrições, gerando novos sentidos e significados para o vivenciar as lutas no cenário escolar.

Essa experiência possibilitou a realização de um trabalho aberto tendo no processo a característica do ensino centrado no aluno, o qual foi oportunizado a escolher, conhecer, vivenciar, criar, apreciar o universo das artes marciais e das lutas atendendo as dimensões conceituais, atitudinais e procedimentais.

É válido destacar que a experiência pedagógica aqui descrita não deve ser considerada como “receita” para o trabalho do ensino de lutas na Educação Física escolar, e sim como uma possibilidade no trato pedagógico do assunto, uma vez que qualquer proposta, ao ser universalizada sem analisar o contexto no qual se insere está combatida ao fracasso.

Demos início à intervenção buscando desmistificar o universo das lutas e das artes macias, e qual o conhecimento que o professor tem que se apropriar para externar esse conteúdo na escola. Respondendo assim, algumas das minhas inquietações geradoras do desejo de pesquisar sobre esse tema. É preciso ter especialidade ou ser ex-atleta para contemplar as lutas como conteúdo das aulas de Educação Física? Esse pré-requisito é necessariamente indispensável?

Acordamos com Darido (2001,p.14) quando ressalta que “nas aulas de Educação Física, tem-se dado prioridade ao plano procedimental (emprego de técnicas e fundamentos), enquanto tem-se deixado de lado o atitudinal (valores nas e para as práticas), bem como o conceitual (entendimento do porquê realizar este ou aquele movimento)”.

No tocante, a presente intervenção está alicerçada nessas três dimensões do conteúdo. Ao planejarmos as aulas para a intervenção demos enfoque a algumas reflexões que nos deram subsídios de como intervir com o ensino das lutas no âmbito escolar. Por que ensinar? (justificativa); o que ensinar? (seleção de conteúdos); Quando ensinar? (etapas ensino-aprendizagem); como ensinar? (metodologia); o que, para que, como e quando avaliar? (construção de um processo de avaliação).

A intervenção parte do plano conceitual buscando identificar e compreender com os alunos sobre os conhecimentos prévios que eles tinham sobre o universo das lutas. As lutas mais destacadas por eles foram: o Judô, o Sumô, a capoeira e o taekwondo.

Fizemos uma aula expositiva dialogada, buscando abordar elementos que contribuíssem para a compreensão das lutas e o interesse em vivenciá-las. Dialogamos sobre o universo das lutas e das artes marciais na tentativa de que compreendessem que as artes marciais trazem elementos que muitas vezes não são considerados em alguns contextos em que as lutas se manifestam. Foi enfatizado junto aos alunos que as artes marciais não compreendem somente um apanhado de técnicas (golpes com mãos, pés, etc...) mas um conjunto de filosofias e princípios educativos que favorecem a um bom combate na vida. Foram provocados então a citarem quais as artes marciais que conheciam e que princípios eram esses. Os alunos que vivenciavam o taekwondo logo anunciaram os princípios vivenciados em suas aulas e assim discutiram os significados de cada um desses: cortesia, integridade, perseverança, autodomínio e espírito indomável. Na oportunidade dialogaram também sobre os princípios de conduta do karatê e Judô. Discutimos também a existência de academias em que não se preocupam com esses princípios e formam seus atletas sem a preocupação com as atitudes e valores.

Buscamos ampliar as concepções sobre o universo das lutas trazendo também uma discussão sobre a mídia. Como esta tem se apropriado desse universo e o que tem disseminado. Trouxemos por exemplo para discutir os MMA's "Mixed Martial Arts" conhecidos como "Vale-tudo", criado no Brasil, "Ultimate Fighting Championship" (UFC) e "Pride", que são os maiores campeonatos que existem no mundo com essa formatação. Nestes universos desmistificamos elementos que permitiu ampliar a visão que se tinha de tal espetáculo. Nesta oportunidade foi provocado o entendimento de que apesar de ser considerada uma mistura de artes marciais não se encontra vestígios de valorização de certos princípios e valores de conduta haja vista que o foco é o espetáculo das gestualidades e a consequente lucratividade através das propagandas aliadas ao evento e os materiais vendidos a partir da marca "UFC" e "pride". Entendemos, portanto que o lutador de artes marciais não tem as mesmas intencionalidades que os lutadores de MMA's pois os focos são convergentes.

Outra discussão interessante que tivemos foi sobre a esportivização das artes marciais. A partir disso entendemos que ao chegarem no ocidente, as lutas orientais perderam a conotação filosófica fundamentada em crenças e religiões que preparavam o praticante física e espiritualmente, sendo enfatizados os aspectos

competitivos e o de defesa pessoal. As lutas foram adaptadas para serem desenvolvidas na forma de competições (“jogos”, ou seja, com regras, limitações,...) sendo viabilizadas para serem praticadas por pessoas alheias aos preceitos filosóficos e aos significados culturais relacionados. Entenderam então que existem muitas das modalidades dos esportes de luta que conhecemos hoje estão elevadas a um estado esportivo que descaracteriza o próprio conceito de arte marcial: “esporte de luta” é a denominação que recebem em eventos esportivos, como as Olimpíadas.

Esta contextualização permitiu aos alunos ampliarem seus conhecimentos, desmistificando o imaginário de esporte violento, e passando a analisar as informações advindas da mídia, a qual muitas vezes distorce as raízes históricas (verídicas) visando fins lucrativos. Dessa forma, essa explanação conceitual proporcionou aos alunos um olhar mais crítico, contribuindo para a construção de conhecimento significativo.

No plano procedimental, o foco foi no combate de lutas (Nascimento e Almeida, 2006) e a consequente transformação pedagógica desses esportes (Kunz, 2001). Os alunos foram convocados a compreender que poderíamos vivenciar as lutas através de algumas estratégias: Imobilização, Conquista de espaço ou objetos e Equilíbrio/desequilíbrio. Além disso, foram provocados a escolher alguns princípios para fazer tais combates. Na ocasião foram escolhidos dois: respeito e coragem em virtude da necessidade de encorajamento para a prática e superação da vergonha e do medo de se expor e também do respeitar as limitações dos outros entendendo as diferenças.

Os alunos vivenciaram os combates através de diversas formas. Os de conquista de espaço puderam interagir através do empurrar, puxar, em várias posturas: de costas, segurando as mãos, de joelhos, etc. A conquista de objetos se deu com o uso de pregadores de roupa que se fixaram nos ombros e pernas, também a conquista da bola, lençóis e de tiras que foram penduradas na cintura. Nos combates de imobilização usamos os dedos, os braços e o corpo inteiro. E nos combates de desequilíbrio fizemos o jogo/combate semelhante ao sumô. Algumas dessas estratégias necessitaram de arranjos materiais como sugere Kunz para a transformação didática dos esportes. Depois dessa vivência os alunos foram

provocados a criar novos combates utilizando as estratégias propostas e também selecionar alguns princípios para discorrer o seu próprio jogo/ combate.

Nome da luta	Modo de Jogar	Regras	Proibições	Estratégias De combate
Caça pé	Eliminar os adversários do jogo, pisando no pé até sobrar só você.	Só um pula por rodada, escolher o próximo a pular. Jogar cinco pessoas a distância inicial de sete passos.	Não pode falar, ao menos se você tiver pulado. Pular apenas para atacar o pé ou para se esquivar do golpe.	Conquista de território.

Quadro 2. Mini combate/ criação dos alunos.

Será mantida a descrição original dos alunos, sem alteração ou correção de erros ortográficos, e/ou gramaticais.

Fonte: Nascimento (2006)

Esse quadro apresenta uma das criações de um dos grupos. Foram criados mini combates com características de jogos, com duas estratégias uma de conquista de território e a outra de imobilização. Através das regras propostas pelos alunos percebemos a preocupação por parte deles de prevenir atitudes de violência demonstrando o respeito à ética, inibindo assim, a violência (dimensão atitudinal) em suas criações.

Todos os alunos vivenciaram os mini combates criados pelos grupos. Durante a vivência alguns alunos sugeriam mudanças nas regras na tentativa de otimizar a vivência do combate no sentido de diminuir por exemplo o risco de se machucar. Na vivência das criações dos mini combates surgiram vários elementos para serem discutidos, principalmente no que diz respeito ao plano atitudinal, como, por exemplo, a preocupação com a integridade física e o respeito às regras e ao colega.

Durante todo o processo de intervenção pudemos perceber e identificar aspectos atitudinais, os quais foram expressos nos relatos feitos pelos alunos durante a construção dos portfólios e durante as aulas. Em todo o processo, tentamos conduzi-los a refletirem fazendo perguntas operacionalizadas como: quais

as sensações de fracasso e de sucesso sentidas durante as aulas?; Qual a sensação em relação à aula nas ocasiões de inclusão e exclusão? Quais os desafios pertinentes ao ganhar e perder, ao fracasso e ao sucesso? A seguir citaremos alguns relatos feitos pelos alunos nos portfólios como forma de clarificar os desdobramentos que a aula proporcionou no plano atitudinal. Adotamos nomes fictícios para preservar as identidades dos alunos.

Eu achei as aulas da professora Lúcia tudo muito bom, não pensei que estudar com ela fosse tão bom, ela tem feito muitas práticas que normalmente os alunos não tinham feito com os outros professores anteriormente (de Ed. Física) (Kamila Alves, 17 anos).

Em algumas lutas eu consegui vencer em outras não tive tanto sucesso assim; não fiquei chateada por ter perdido, pois sei que do mesmo jeito que eu queria ganhar, meu colega também queria, então eu tinha que respeitá-lo e parabenizá-lo por ele ter perdido ou ganhado. Para mim o que foi significativo foi à atitude dos meus colegas de respeitar os outros (Fernanda Larissa, 17 anos).

A aula fez ver minhas fraquezas e capacidades (Rayla Kardayne, 18 anos).

Nas aulas práticas vivenciamos a sensação de perda e vitória através das atividades de conquista de território, de objetos e imobilização (Patrícia Karla ,17anos).

Durante as aulas de educação física eu me diverti muito!!! Nas aulas nós aprendemos e praticamos um pouco das lutas de forma respeitosa um com os outros. (Carlos Eduardo, 16 anos).

Uma das coisas importantes que aprendi foi que ao mesmo tempo em que você é forte em alguma atividade em outra você pode ser menos favorecido. (Moisés pereira, 17 anos).

Esses depoimentos nos permitiram perceber que a pesquisa-ação por nós desenvolvida proporcionou transformações no contexto, pois percebemos que os alunos desmistificaram certos preconceitos em relação as lutas e passaram a valorizar as atitudes de respeito e cuidado como outro. A intervenção pôde contribuir significativamente para a construção do respeito às diversidades e individualidades

dos sujeitos que fazem parte de diferentes contextos. A partir do conteúdo de lutas nas aulas de Educação Física conseguimos dar novos sentidos a alguns preconceitos que os alunos tinham com relação à tal conteúdo. Essa análise se consolida no momento em que eles revelam uma nova concepção para a vivência das lutas. À princípio relatavam que as lutas eram só para homens e que os homens sempre ganham. No imaginário dos alunos essa prática era só para os fortes, no entanto, quando adaptamos as regras e produzimos um trato pedagógico a elas, foi possível dar novos sentidos, produzindo conhecimento, oportunizando diversas vivências aos alunos. A fala da aluna Carla elucida essa análise:

Ah professora, Patrícia é magrinha, porém ganhou da maioria das meninas na queda de braço! Professora, perdi na queda de braço para os meninos, porém, na captura dos lençóis eu ganhei!

Podemos através desse depoimento perceber que os alunos começaram a conceber o “lutar” como algo possível, percebendo-se participante desse universo.

A seguir apresentamos um quadro que explana de forma geral a experiência efetivada. Posteriormente realizamos algumas considerações a respeito de cada aula desenvolvida e que fizeram parte do desenvolvimento e avaliação continuada de todo o processo de ensino-aprendizagem.

Aula desenvolvimento	Impressões gerais da professora-pesquisadora
Apresentamos todo o cronograma das atividades do bimestre, criação dos portfólios. Seguinte abordamos o contexto histórico das lutas e artes maciais trazendo assim os princípios, fazendo analogias com a luta de vida e com a mídia, abordamos sobre a esportivização ao chegar no ocidente, através de Slides, após seguimos com as vivências de estratégia de imobilização e conquista de território.	Participação dos alunos e expectativa inicial, assim como, curiosidade para as práticas (mini combates), porém eles compartilharam sobre suas vivências e fizeram links com alguns episódios de suas vidas, vivenciaram os mini combates com bastante entusiasmo e alegria.

Continuação das práticas onde neste momento fomos para a sala de jogos para o Tatame onde vivenciamos estratégia de imobilização, equilíbrio e desequilíbrio e agilidade e reflexão e debate sobre os princípios utilizados, regras e cumprimentos. Para realização dos mini combates assim como, perguntas operacionalizadas sobre as sensações dos alunos sobre as presentes vivências e inquietação e proposta do professor para a criação dos mini combates onde eles apresentaram na aula seguinte.	Todos participaram e se envolveram na aula opinando e debatendo, um processo aceito pelos alunos embora tivesse alguns tímidos. Todos participaram; em alguns momentos houve um pouco de barulho e inquietação por parte dos alunos, já que eles eram considerados sujeitos ativos no processo de produção de conhecimento.
Entrega dos portfólios, apresentação de vídeos e reflexão, após realização dos mini combates criados pelos alunos.	Ansiedade dos alunos para a entrega dos portfólios e satisfação por dever cumprido assim como vergonha por parte de alguns na hora se vivenciarem as suas criações, contudo pude perceber o cuidado com as regras, princípios e cumprimentos e interação de todos.

Quadro 3. Relato resumido da vivência realizada, acompanhado de considerações gerais a respeito de cada aula.

Fonte: Nascimento (2006)

Não foram percebidas condutas violentas ou agressivas, nem verbal nem fisicamente no decorrer de todas as aulas; na verdade percebemos o oposto, uma vez que houve um cumprimento dos acordos feitos desde o momento de escolha do conteúdo que seria ministrado, acontecendo um envolvimento constante por parte dos alunos. Não podemos negar que a tradicional pergunta sobre o jogo com bola esteve presente em alguns momentos. No entanto, conseguimos realizar combinados com os alunos, bem como professores e equipe gestora, a qual permitiu um espaço para que eles pudessem jogar bola no horário livre. Acreditamos que esse momento também é importante para a formação do aluno, uma vez que está inserido na cultura deles e ao jogar eles desenvolvem habilidades, relacionam-se entre si, proporcionando qualidade de vida! O que criticamos é a utilização da

concepção recreacionista durante todo o processo de ensino-aprendizagem das aulas de Educação Física.

Os resultados conseguidos, no nosso entendimento, relativizam o argumento da violência como algo negativo ao trato das lutas como conteúdo das aulas de Educação Física. Entendemos também que a abordagem escolhida para nortear a aula revela-se como fundamental para o sucesso ou fracasso da mesma. Acreditamos que qualquer que seja o tema a ser abordado, se não contemplar uma fundamentação sólida e trato pedagógico, corre o risco de gerar conflitos e situações agressivas.

Compreendemos, assim, que as práticas corporais, em especial as lutas, ao ser pedagogicamente construído revelam possibilidades de aprendizado como veículo educacional. Dessa forma, as lutas como conteúdo das aulas de Educação Física, como revelado por esse estudo, podem integrar princípios educativos significativos para os alunos a partir de um ensino que problematize o conteúdo, buscando a formação de um sujeito crítico, autêntico e determinado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que os fatores negativos relatados no princípio do trabalho podem ser relativizados (revistos), pois a presente intervenção nos possibilitou confirmar o pressuposto de que não há necessidade de o professor ser um ex-atleta ou praticante em uma modalidade de luta para poder tematizá-la nas aulas de Educação Física.

A Educação Física no cenário escolar deve contemplar uma proposta educativa e não objetivos pautados para a formação de lutadores/atletas. A escola não é espaço de rendimento e sim de construção educativa, de ampliação e produção de conhecimento e formação humana dos alunos, fomentando para a formação de cidadãos críticos e autônomos que tenham consciência de seus direitos e deveres de cidadãos, bem como da importância da prática de atividades físicas. Destarte, temos que sempre buscar desafios, pois é assim que conseguimos grandes metas e objetivos. Ao me arriscar para esse mundo que por muitos é tido apenas com fantasias, conseguimos quebrar medos e insatisfações, possibilitando aprendizados significativos para os alunos.

Ressaltamos que o significado desta pesquisa não é universal, mas objetiva contribuir para a reflexão da prática pedagógica dos professores que se sentem “despreparados” em abordar esse tema que é tão “marginalizado” no âmbito escolar. Todavia, possibilitar um olhar crítico e reflexivo diante do fenômeno das lutas é um desafio constante para a Educação Física escolar, tendo a convicção de que as sementes foram lançadas, esperando um dia, vê-las germinar!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nascimento e. A tematização das lutas na Educação Física escolar, restrições e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, São Paulo, n. , p.91-110, dez.2007.
- BETTI. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRASIL, MEC. As Novas Diretrizes Curriculares que Mudam o Ensino Médio Brasileiro, Brasília, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares**
- CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola**. São Paulo: Autores Associados Ltda., 1997.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Cortez, 1988.
- COLETIVOS DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo:Cortez,1992.
- DAOLIO, Jocimar et al. **Educação Física e o Conceito de Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- DAOLIO, Jocimar. Educação Física escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, supl. 2, p. 40-42, 1996.
- DARIDO, Barroso e Suraya Cristina. Escola, Educação Física e Esporte: Possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, São Paulo, n., p.101-114, dez. 2006
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), p. 05-25, 2001.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola questões e reflexões**. São Paulo: Guanabara Koogan, 2007.

DARIDO. . **Ensinar/aprender educação física na escola: influências, tendências e possibilidades**. São Paulo: Unesp, 2004.

ENGEL, G.I. Pesquisa-ação. In: **Educar**. Curitiba, n. 16, 2000.

FERREIRA, H.S. A utilização das lutas como conteúdo das aulas de educação física. In: **efdeportes- Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 13, nº130, março, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KUNZ, Elenor. **Transformação didática pedagógica do esporte**. Rio Grande do Sul: Unijui, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

Nacionais: Educação Física. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é educação física**. São Paulo: Cortez, 1984

OLIVIER, Jean Claude. **Das Brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

REGO, J.P.L.; FREITAS, L.K.P.; MAIA, M.M.O. Lutas na educação física escolar: fato ou boato? In: **efdeportes- Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 15, nº153, fevereiro, 2011.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. 4. Ed. Campinas: Autores Associados, 1998 (Coleção educação contemporânea).

ZABALA ET al. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Paz e Terra, 1998.

ANEXO A

